



Carnaval: luta pela identidade negra ou mercantilização?

Por Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT).

Fonte: CEERT.org.br

05/03/2025

Carnaval Brasileiro – Entre a Celebração e a Resistência

No coração pulsante das ruas brasileiras, entre os ritmos contagiantes e os sorrisos que transbordam alegria, o Carnaval se ergue como um dos eventos mais emblemáticos e multifacetados da cultura nacional. Mas por trás da folia e dos festejos, uma batalha silenciosa se desenrola, travada entre a tradição popular e a apropriação elitista da festa.

Ao longo dos anos, o Carnaval tem sido alvo de um processo sutil, porém persistente, de embranquecimento e camarotização, que ameaça apagar as raízes afro-brasileiras e descaracterizar a autenticidade da celebração. Nesse cenário de disputa, surgem movimentos de resistência que clamam pela preservação das tradições e pela valorização da diversidade cultural.



Nesta jornada pela alma do Carnaval brasileiro, exploraremos os meandros desse embate entre a tradição e a modernidade, entre a inclusão e a exclusão, entre a festa popular e o entretenimento elitizado. Através de uma análise profunda e instigante, mergulharemos nos blocos de rua, nas escolas de samba, nos terreiros de candomblé e nas vozes dos artistas afrodescendentes que lutam para manter viva a essência carnavalesca.

Embranquecimento e Camarotização: A Apropriação da Festa Popular

O processo de embranquecimento e camarotização do Carnaval brasileiro representa uma transformação significativa na essência da festa que historicamente foi uma expressão cultural das classes populares e das comunidades afrodescendentes. O embranquecimento refere-se à gradual perda das características étnicas e populares da festa, à medida que se torna cada vez mais influenciada por padrões estéticos e comportamentais da elite branca. Por outro lado, a camarotização diz respeito à criação de espaços segregados e elitizados, onde a cultura popular é espetacularizada e comercializada para atender aos interesses de uma minoria privilegiada.

A apropriação da festa popular pela elite branca se dá em diferentes níveis. Inicialmente, há uma transformação das manifestações culturais tradicionais em espetáculos de entretenimento superficial, voltados para o consumo e o turismo. As músicas, danças e rituais que antes refletiam a identidade e a resistência das comunidades são diluídos em performances padronizadas e estereotipadas, que visam agradar um público heterogêneo e distante das origens populares do Carnaval.

Além disso, a elite branca se apropria do Carnaval por meio da criação de espaços exclusivos e luxuosos, como os camarotes VIPs, onde é possível desfrutar da festa com conforto e segurança, longe das multidões e da diversidade cultural das ruas. Esses camarotes, muitas vezes patrocinados por grandes empresas e marcas de luxo, tornam-se símbolos de status e poder, onde a entrada é restrita a uma elite financeira e socialmente privilegiada.

Essa apropriação da festa popular pela elite branca tem profundas implicações sociais e culturais. Por um lado, contribui para a marginalização e o apagamento das tradições afro-brasileiras, que historicamente foram a espinha dorsal do Carnaval. Por outro lado, reforça as desigualdades sociais e raciais, ao criar espaços segregados e excludentes que reproduzem as hierarquias de poder e privilégio presentes na sociedade brasileira.

Diante desse cenário, torna-se fundamental resistir ao processo de embranquecimento e camarotização do Carnaval, e lutar pela preservação das tradições populares e



afro-brasileiras que fazem da festa uma expressão única da diversidade e da cultura brasileira. Essa resistência pode se manifestar por meio da valorização dos blocos de rua tradicionais, que mantêm viva a autenticidade e a criatividade das comunidades locais, e pela promoção de espaços inclusivos e acessíveis que garantam a participação de todos, independentemente de sua classe social ou cor da pele.

Movimentos de resistência: preservando as tradições afro-brasileiras

Diante do processo de embranquecimento e camarotização do Carnaval, surgem movimentos de resistência que buscam preservar as tradições afro-brasileiras e resgatar a essência popular e inclusiva da festa. Esses movimentos representam uma resposta às tentativas de apropriação e descaracterização da cultura carnavalesca, promovendo a valorização das manifestações culturais das comunidades negras e periféricas.

Um exemplo marcante de resistência são os blocos de rua tradicionais, que resistem às influências comerciais e mantêm viva a autenticidade e a criatividade das celebrações carnavalescas. Esses blocos, muitas vezes organizados pela própria comunidade, são espaços de encontro e expressão cultural onde as tradições afro-brasileiras são celebradas e transmitidas de geração em geração.

Outra forma de resistência é a valorização das escolas de samba e dos terreiros de candomblé que representam importantes espaços de resistência e afirmação da identidade negra. As escolas de samba, em particular, desempenham um papel fundamental na preservação das tradições afro-brasileiras, através dos seus desfiles e enredos que retratam a história e a cultura do povo negro.

Além disso, é importante destacar o papel dos artistas e intelectuais afrodescendentes na promoção da diversidade e na luta contra o racismo no Carnaval. Músicos, escritores, ativistas e líderes comunitários têm utilizado suas vozes e suas plataformas para denunciar as injustiças e as desigualdades presentes na festa, e para reivindicar um Carnaval mais inclusivo e representativo de todas as identidades e culturas do Brasil.

Em suma, os movimentos de resistência representam uma importante resposta ao processo de embranquecimento e camarotização do Carnaval, e têm como objetivo preservar as tradições afro-brasileiras e promover a igualdade e a diversidade na festa. Ao reconhecer e valorizar a contribuição das comunidades negras e periféricas para o Carnaval, podemos construir uma festa mais justa, inclusiva e representativa, que celebre a riqueza e a pluralidade da cultura brasileira.



Republicado de Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) / Idioma original: Português / Publicado em 9 de fevereiro de 2023 / Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/100043/carnaval:-luta-pela-identidade-negra-ou-mercantilizaCAo?page=50>
